

Meta de inflação é alvo de críticas

Um jogo de gato e rato com o mercado, no qual a principal derrota se reflete no aumento da dívida atrelada à taxa básica de juros. É deste forma que analistas observam o discurso do Banco Central em relação à meta de inflação para 2005.

E embora o BC confirme que o objetivo é atingir a meta de 5,1% na inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), o mercado não acredita que a autoridade monetária vá conseguir domar de forma tão expressiva os preços.

De acordo com Carlos Thadeu de Freitas, os preços administrados já entram o

ano com o “taxímetro” em 7,2% de avanço, o que deixa espaço para que os preços livres avancem apenas 0,39% durante 12 meses.

– É inviável manter a meta em 5,1%. O mais correto seria admitir uma flutuação entre 3% e 7% – diz.

De acordo com o economista da Confederação Nacional do Comércio, ao determinar um centro para a meta de inflação a autoridade monetária se obriga a manter a reputação, aumentando a taxa básica de juros (Selic). Mas como o mercado financeiro aposta que o BC mais cedo ou mais tarde vai ter que admitir uma flutua-

ção para mais próximo do teto da meta para 2005 (7%), as taxas futuras de juros não decolam.

– Este jogo leva a um aumento desnecessário da dívida. O BC tem que ser realista para não manter os juros altos – afirma.

Alberto de Oliveira, do Banif Primus, também acredita que o Banco Central acabará se rendendo e admitindo que o objetivo de 5,1% é muito pretensioso. Para ele, o IPCA deve ficar em torno de 5,80% este ano.

Em relação aos juros básicos, hoje em 17,75% ao ano, Oliveira prevê quedas graduais a partir de abril. A pre-

visão do Banif é de que a Selic encerre 2005 em um patamar entre 15,5% a 16% ao ano.

O economista-chefe do Bradesco, Octávio de Barros, no entanto, ressalta que na última ata divulgada em 2004 pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) há a indicação de que a meta de 5,1% pode ser alcançada com uma política monetária mais apertada.

– O BC se deu conta de que pode transformar 2005 no grande ano das metas de inflação sem comprometer o crescimento – analisa.

Rafael Rosas